

A NECESSÁRIA FINITUDE HUMANA, SEGUNDO SIMONE DE BEAUVOIR

Neide Coelho Boëchat (UNIFAI)¹

Resumo: O trabalho aqui desenvolvido diz respeito à obra de Simone de Beauvoir: *Tous les hommes sont mortels*, traduzida literalmente para o português. Trata-se de uma instigante e ousada ficção produzida pela autora em meados do século XX. Instigante, pelo tom ensaístico que ela atribuiu a um texto cujo tema é, em si mesmo problemático, a saber a finitude humana. Ousado, porque, embora o personagem principal seja mera ficção, ela o coloca no interior da História real, mantendo-se fiel aos fatos históricos, possibilitando ao leitor um mergulho naquela realidade e uma identificação com os fatos imaginários narrados. É essa ambiguidade, genialmente, mantida pela autora ao longo da história, que assegura a fascinação do leitor.

Palavras-chave: finitude, infinitude, projeto, poder.

Apresentação da obra

Podemos dizer que *Todos os homens são mortais*, é uma obra clássica da literatura francesa da autoria de Simone de Beauvoir apresentada ao público em 1946. Uma obra, sem dúvida alguma, muito instigante, produzida durante um momento histórico fortemente conturbado - final da segunda guerra mundial - e que exige do leitor o esforço de um constante deslocamento que vai do reino imagético, à realidade histórica de um tempo passado, não vivido, mas que deve ser buscado no espaço semi-obsuro da memória.

Por outro lado, fica bastante claro que seu ponto de partida reside na esfera da filosofia, ou seja, o que encontramos aqui é uma de proposta de reflexão filosófica sobre a finitude humana, mas que, na contra mão dos demais filósofos, nos convida a pensar sobre a possibilidade de sua infinitude. Melhor dizendo: ela mata a morte para nos sugerir uma reflexão sobre a vida eterna.

Trata-se de uma proposta ousada, ainda mais se pensarmos que sua escritura pretende desenvolver uma ficção, sem abandonar seu olhar filosofante. Podemos mesmo reconhecer o tom ensaístico do texto que nos conduz a uma reflexão sobre o sentido, ou significado da morte. Todavia, seja como for, é preciso ressaltar que, ao concluirmos essa leitura, constatamos, não sem alguma emoção, que essa criação da autora nada mais é que uma obra de arte.

A história de Fosca

Beauvoir nos apresenta, neste romance, a história de Raymond Fosca, personagem nascido no século XIII, era medieval, num palácio da cidade de Carmona; uma cidade

¹ - Graduada em Filosofia com doutoramento na área de Filosofia Contemporânea, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Endereço de e-mail: neideboechat@hotmail.com

espanhola que vivia constantemente em guerra. Após a morte do pai, já adulto, torna-se ele o príncipe de Carmona. Fosca vivia assombrado pelas inúmeras mortes que o cercavam: a morte dos amigos próximos, dos parentes e dos habitantes de Carmona, que esperavam dele uma solução para os conflitos.

Em meio a essa pressão, Fosca manda que tragam ao palácio o mendigo mais velho da cidade, um certo Bartolomeu que afirmava possuir o elixir da imortalidade. De posse do remédio, o imperador engoliu todo o conteúdo da garrafa e, a partir daí, adquiriu sua pretendida eternidade.

A autora criou, assim, o personagem que precisava, para dar prosseguimento à sua ficção. Entretanto, não se tratava apenas, de um personagem imaginário, como acontece habitualmente em obras literárias. Se, por um lado, o personagem criado pela autora era dotado de características humanas; por outro, escapava àquele absoluto universal pelo qual todos os humanos se reconhecem e se identificam, a saber, a morte. Portanto, trata-se de um ser que não pode ser reconhecido como essencialmente humano, mas que pretende viver humanamente. Este foi exatamente o ser que ela criou para desenvolver sua arte.

Assim sendo, Raymond Fosca nos é apresentado como um homem que só conhecia a morte do outro. A frequência deste fato, em sua vida, fez com que a finitude se tornasse, para ele, algo banal: cada morte era uma morte a mais, entre muitas outras, que faziam parte das contingências de sua vida. Contudo, sua própria morte, não deixava de aparecer, mas quando surgia no horizonte de sua existência, era sempre sob a forma de um alerta para sua necessária imortalidade; logo, não poderia lhe aparecer como parte de sua existência contingente. Com isso, Fosca foi, aos poucos, reconhecendo o seu não-pertencimento à comunidade humana, ou seja, ele tornou-se um ser inteiramente outro.

A autora dá início à sua história colocando o personagem em seu próprio presente, ou seja, meados do século XX. É neste momento de sua vida, que ele se envolve com uma atriz de teatro, Régine, para quem resolve contar sua história. A pessoa que ela encontra é alguém cansado da vida, sem projetos, sem desejos, sem esperanças, sem trabalho, vivendo de economias guardadas e sem qualquer expectativa em relação ao futuro. Inteiramente diverso da atriz moderna, viva, com grandes expectativas em sua carreira, pronta para amar, sem medo de sofrer, repleta de desejo em relação às pessoas e à vida de um modo geral.

Fosca relata a esta atriz a sua história, com todos os detalhes, e é essa a história que Simone de Beauvoir deseja contar. Por meio dela, a autora nos convida a refletir sobre sua proposta.

Em primeiro lugar, ela coloca em evidência a questão do poder e a tirania que o acompanha. A ambição de Fosca não tinha limites. Imortal, ele carregava uma vantagem que lhe assegurava a possibilidade de, a partir de seu principado, conquistar o mundo e edificar seu império.

O passado saía de mim; nada mais me prendia; nem lembrança nem amor, nem dever; estava sem lei; era meu dono e senhor, podia dispor à vontade das pobres vidas humanas, todas votadas à morte. Sob o céu sem expressão, eu me erguia vivo e livre, só, para todo o sempre. (BEAUVOIR, 1983, p. 123)

Sendo eterno, o mundo lhe pertencia. Ao gozar da imortalidade, vivia sem limites. O universo era seu.

Vale ressaltar a forma magistral pela qual a autora encaminha as condutas de Fosca. Por um lado, ela deixa clara sua intenção de nos mostrar que tais condutas não eram gratuitas; que tinham um fundamento: eram condutas vividas espontaneamente pelo personagem, manifestadas em sua gratuidade. Por outro lado, esse fundamento surge como uma exigência feita ao leitor de mantê-lo como chave de compreensão das condutas desenvolvidas pelo personagem durante toda a trama. O que podemos, então, observar é que todas as escolhas de Fosca, e os valores que as justificavam, estavam sempre fundamentadas em seu desejo mais latente, a partir do qual ele empreenderia o que Sartre denominaria *projeto original*. (SARTRE, 2001, *L'être et le néant*, p.609 e segs.)

A autora retoma aqui a ontologia fenomenológica de Sartre para nos mostrar que o projeto original do personagem não era outro senão se constituir como um homem completo, sem falhas, um ser ao qual nada falta; um ser que está muito além da contingente realidade humana; um ser perfeito, absoluto, necessário e poderoso, para o qual não há limites, pois nem mesmo a morte lhe afetaria. Resumindo: Fosca tinha para si, o projeto de ser Deus e, enquanto tal, realizar todos os seus desejos.

Viúvo da primeira mulher; sofreu a morte violenta de seu primeiro filho. Após alguns anos, sem muitos planejamentos, Fosca colocou para si a possibilidade de um segundo filho. Foi com esse objetivo, e não qualquer outro, que ele se casou com Laura. Desse casamento, nasceu Antônio, finalmente o filho que ele moldaria como uma obra de arte. De fato, a autora coloca Antônio como sua maior experiência: este filho seria uma de suas maiores conquistas.

Exilei-o imediatamente num castelo vizinho; não queria partilhar meu filho com ninguém. Preparei apaixonadamente o futuro de Antônio. Primeiro consolidei a paz: não queria que ele conhecesse nunca a sangrenta vaidade da guerra. Comecei a construir uma casa de mármore e a plantar jardins; atraí para minha corte artistas e sábios, juntei quadros, estátuas, formei uma ampla biblioteca; os homens mais eminentes foram encarregados da educação de Antônio; eu assistia às lições e treinava, eu próprio, meu filho no exercício do corpo. Com sete anos sabia ler e escrever em italiano, latim e francês; nadava, atirava com o arco e era capaz de montar um cavalo pequeno. Ao pé dos ciprestes construí tanques de mármore dos quais, fios de cristal, subiam ao céu. A água caía em cascata das rochas: eram repuxos. Os olhos de Antônio brilhavam: contemplei seu rosto brilhando de prazer. (...). Minha obra não eram aqueles repuxos irrisórios; eu criara aquela vida, aquela alegria. (BEAUVOIR,1983 p.142).

Antônio seria o resultado de seus desejos. Autor e ator de sua própria realidade, Fosca se empenhava em realizar, através do filho, o seu projeto: assim assume, ele, o estatuto de Deus Criador e faz de Antônio sua criatura mais especial. Este filho era, para ele, nada mais que uma criação estética: sua vida e seu futuro estavam já predeterminados. Fosca atinge aqui o ponto mais alto de seu poder. Nada havia acima de sua divindade absoluta.

Contudo, o que ele não se dava conta é de que na dialética de sua relação com Antônio, este o transformava, na mesma medida em que ele transformava seu filho. A racionalidade de Fosca não era suficiente para impedir as novas manifestações que brotavam da liberdade de Antônio. Os empreendimentos do filho e, sobretudo, o valor de seus projetos, o ameaçavam. A questão que aqui se manifesta e que fica clara pela descrição de alguns acontecimentos, é que, em sua relação com Antônio, ele foi invadido por algo que não estava em seus planos: o amor despontou como mediador dessa relação; Fosca amava Antônio. É interessante que, embora a autora nada mencione a este respeito, ela crie e descreva alguns acontecimentos onde este sentimento aparece de forma muito clara.

Antes de qualquer coisa, é preciso esclarecer que o sentimento do amor, só se efetiva e se manifesta por meio de uma ação que, por sua vez, faz parte de um projeto fundamentado em um valor. Caberia, então, aqui duas questões: 1ª: Que valor seria este? 2ª: através de que ações este sentimento poderia ser, aqui, reconhecido? Quanto ao valor, podemos observar que este estava atrelado à liberdade que sustentava as atitudes de Antônio. Fosca amava o filho em sua liberdade; ele amava aquela liberdade manifestada por Antônio. E a autora mostra isso em várias situações; algumas até arriscadas para as quais Antônio precisaria da autorização do pai. Contudo, apesar do medo e, às vezes, até

do sofrimento que o abatiam, Fosca acabava apoiando o filho, por respeito à sua liberdade. Com isso, por um lado, Antônio sempre acabava escapando de algumas advertências do pai e, por outro, todas as construções paternas passaram a adquirir outro significado, ou seja, os desejos de Antônio deveriam ser realizados, porque seus desejos se metamorfoseavam em desejos do pai. Por fim, a última de suas exigências custou a morte de Antônio. Mas, para Fosca, o valor da morte, não tinha o mesmo significado que tinha para outros humanos e o valor da liberdade suplantava qualquer risco que pudesse conduzir o filho à morte. De qualquer forma, fica claro, no romance, que a perda do filho causou-lhe grande sofrimento. Mas, fica claro também que em nenhum momento, Fosca demonstrou qualquer arrependimento por não ter impedido a morte de Antônio. Afinal, quando ele resolveu ter um filho, seu objetivo era apenas exercer seu desejo de criação. O amor não fazia parte de seus planos.

Por muitos anos, Fosca se isolou do mundo, levou uma vida errante percorrendo várias terras e culturas diferentes das que conheceu como cidadão ocidental.

Entretanto, mantendo-se fiel a seu objetivo, Beauvoir retorna com seu personagem para inseri-lo no seio da História Universal. É interessante observar a naturalidade com a qual ela inclui no movimento do texto, atores históricos reais como o imperador Maximiliano, os reis católicos Fernando e Isabel; o rei da França, Francisco I; o infante D. Miguel. A autora inclui ainda nas conquistas de Fosca, a Terra de Vera Cruz, os tesouros do imperador Montezuma, e os discursos de Lutero com suas tentativas de Reforma.

Tentando manter-se atrelada a certa verossimilhança, Beauvoir recorta da História universal um momento particular, para destacar mais uma vez o projeto original e singular de Fosca. Para tal empreitada, ela desenvolve a história de D. Carlos, que em sua trajetória real, tornou-se um poderoso soberano, rei dos francos e futuro imperador romano. Esse personagem histórico, de fato, ocupou o trono ainda criança e teve como preceptor Adriano de Utrecht, um cardeal humanista e professor de teologia em Louvain, na Bélgica. Assim, a autora confere ao personagem Fosca o papel de preceptor que cuidaria da educação de Carlos.

A história de Fosca com esse personagem obedece aos mesmos princípios que direcionaram a história de seu filho Antônio.

Tudo começa, quando Fosca planeja comandar a Espanha e os ricos territórios Italianos. Para isso, ele se aproximaria da família de Carlos, ainda um recém-nascido, mas já herdeiro do trono, com o firme propósito de se tornar, ele próprio, seu preceptor. Por

ser amigo da família, a ideia viria a ser muito bem aceita por seus pais. Assim, até crescer, ele reinaria no lugar do herdeiro do trono. Como seu preceptor, o criaria de acordo com seus desejos e suas ambições. Fosca educaria Carlos com o mesmo cuidado com que criou Antônio. Dessa forma, reinando no lugar de Carlos, Fosca empenhar-se-ia em suas conquistas e em sua nova criação:

Carlos vivia, crescia. Dia a dia meus desígnios tornavam-se menos quiméricos (...). Os sábios do século diziam que chegara o momento em que os homens iam decifrar claramente os segredos da natureza e dominá-la; então começariam a conquistar a felicidade. Eu pensava: Será essa a minha obra. É preciso que um dia eu tenha nas mãos todo o universo: então, nenhuma força será desperdiçada, nenhuma riqueza dissipada; porei fim às divisões que opõem uns aos outros os povos, as raças, as religiões, acabarei com as desordens injustas. (...) Nada será entregue aos caprichos dos homens nem aos acasos da sorte. A razão governará a terra: a minha razão. (BEAUVOIR, 1983 p.180).

Em sua busca por mesclar dados da realidade à sua ficção, Beauvoir, descreve a festa de coroação de D. Carlos, em 1519, quando o arcebispo de Colona coloca a coroa sobre a cabeça do novo imperador.

O arcebispo de Colônia perguntou solenemente aos assistentes: “Quereis, segundo a palavra do Apóstolo, ser submetidos a esse príncipe e senhor?” E o povo gritou alegremente: “Fiat! Fiat!” A coroa foi, então colocada na cabeça de Carlos pelo arcebispo; Carlos subiu ao trono de Carlos Magno e os cavaleiros tributaram-lhe as devidas honras enquanto o *Te Deum* ecoava sob as abóbodas. (BEAUVOIR, 1983, p. 184).

Podemos observar, no decorrer da obra, que os anseios de Fosca em se manter como um deus Criador não recaíram apenas sobre Antônio e Carlos; assim como estes, podemos encontrar Fosca tentando, da mesma forma, criar outros personagens como: Beatriz, filha de uma lavadeira e Armand um bisneto que ele encontrou já no século XX, portanto, já no final do livro.

Sete séculos se passaram até seu encontro com Régine. Fosca se sentia cansado demais e não tinha mais vontade de viver. Sentia-se distante de todos. Não se identificava com as pessoas atuais.

O velho discutia com o jovem o papel dos preconceitos na vida humana. O jovem defendia os direitos da razão. Eu detestava os velhos porque sentiam toda a vida atrás de si, redonda, e cheia como um grande bolo. Detestava os jovens porque sentiam todo o futuro à sua frente; detestava aquele ar de entusiasmo e inteligência que animava todas as fisionomias. (BEAUVOIR, 1987, p. 274)

Sobretudo, o incomodava certo ufanismo, apregoado pelos espíritos progressistas do século XIX e que já se espalhava no decorrer do século XX. Muito desiludido, ele observava que ali reinavam homens e mulheres sempre em movimento; pessoas que falavam muito e riam demais.

Eu disse abruptamente:

- Ambos estão errados. Nem a razão nem os preconceitos são úteis ao homem. Nada é útil ao homem, porque ele não sabe o que fazer de si.(...). Nunca serão felizes (...). Não desejam, sequer sê-lo. Contentam-se com matar o tempo à espera de que o tempo os mate. Vós todos aqui, vós matais o tempo, embriagando-se com palavras bonitas.(...). Palavras; era tudo que tinham para me oferecer: a liberdade, a felicidade e o progresso; era dessa carne sem consistência que se alimentavam, então. (...) Doravante todas as minhas vestimentas seriam fantasias e minha vida uma comédia. (BEAUVOIR, 1986, p. 274, 75, 76).

Considerações Finais.

Podemos dizer que *Todos os homens são mortais*, nos conta a história de uma desilusão. Seu protagonista, um ser imortal que, durante alguns séculos, equiparando-se a Deus, estabeleceu com o Criador uma competição pelo poder absoluto, apreende-se em dado momento de sua existência, como um ser cansado e vencido pela luta vivenciada dia a dia, como um ser incapaz de morrer, ou seja, como um ser condenado à vida.

A autora, uma filósofa da existência e cujo pensamento vem alinhado ao pensamento sartriano, não nos propõe com essa obra, apenas uma reflexão sobre a finitude humana, ao contrário do que possa parecer, o que encontramos nesta ficção diz muito mais respeito a uma reflexão sobre a vida, ou seja, é da existência humana que ela nos fala, e ser humano, é ser mortal; é viver premido pela contingência do presente; assolado pelas sombras do passado, mas ainda assim, sempre sujeito agente de um projeto que deverá ou não cumprir-se no futuro. É essa temporalização que caracteriza a existência humana e Fosca distanciava-se do humano:

Um homem de nenhum lugar, sem passado, sem futuro, sem presente. Eu não queria nada; eu não era ninguém. Avançava passo a passo em direção do horizonte que recuava a cada passo; gotas d'água jorravam e recaíam, o instante destruía o instante, minhas mãos estavam para sempre vazias. Um estranho, um morto. Eles eram homens, eles viviam. Eu não era dos seus. (BEAUVOIR, 1987, p. 387,388).

Segundo a própria autora, “o que se discute nesta obra é o Mito da Humanidade, finalmente nua e realizada, como um legado de Hegel ao marxismo”. (BEAUVOIR, 2011, p.10).

Referências bibliográficas:

BEAUVOIR, Simone de. *Todos os homens são mortais*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

BEAUVOIR, Simone de. *Tous les hommes sont mortels*. Paris: Folio, 2011.

SARTRE, Jean-Paul, *L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique*. Paris. Gallimard, 2001.